

Sem tempo de borboleta

Uma primeira obra sobre a classe média **TEXTO DE JORGE LEITÃO RAMOS**



A existência de um quotidiano português feito de silêncios e de pequenas frustrações

Ele é dentista, ela é de famílias endinheiradas, estão casados e perguntam-se, todos os dias, para onde foi o amor. Há uma filha, um namorado, um pai, uma cabra e uma sobrinha que ali veio assentar ideias depois de ter largado um fósforo à casa da mãe. Há o quotidiana

no e os absurdos que estão por baixo e para além dele, a dor, a rotina e o grotesco. Tudo num telefilme que Paulo Branco está a produzir para a RTP e que tem méritos para tentar a sala antes do pequeno ecrã.

A primeira sensação que *Esquece Tudo o Que Te Disse*

desperta é a de reconhecimento. Por detrás do tom sardónico, do sublinhar dos ridículos, da caracterização dos personagens sempre um ponto acima do nível normal do naturalismo, o que vemos é por demais comum, é o campo aberto de uma certa gente portuguesa de

classe média, roída por um sem-número de pequenas frustrações, com existências feitas de silêncios entrecortados por recriminações e, lá por baixo, uma película de sofrimento que se vai espessando, que se auto-alimenta como um carcinoma. Um dia pode muito bem conduzir ao desespero, ao veneno, à faca, ao fogo, à fuga.

No filme de António Ferreira — primeira longa-metragem de um realizador que se perfila como dos mais promissores intramuros —, esse espessamento da amargura faz eclodir um desfecho em que os personagens como que ganham asas, como a câmara, para um território que é quase-fantástico. Assim se organiza o que poderíamos chamar de «happy end» se não tivéssemos transposto a fronteira do quase-realismo. A fuga é bonita, o espectador deseja esse salto para o outro lado e congratula-se, mas lá por dentro o que ficou a morder foi outra coisa nada radiosa. Aquela gente média portuguesa não tem saída, não tem futuro. Está atolada no casulo e vai ser larva e rastejar até ao fim... Não a espera, oh!, não a espera, não, nenhum tempo de borboleta.

Esquece Tudo o Que Te Disse tem estrutura de melodrama, molho de comédia, sabor acre. Vemos isso desde o primeiro plano, essa dança de um casal em esfarelamento, a

música melada, ele contrafeito, ela em lágrimas, cena culminada em agressão, clássica cena de ciúmes e exercício de poder (memória de uma diferenciação de classes que também por ali passa). O espectador volteia entre o efeito de realismo, um certo riso ao detectar o excesso, ao identificar as convenções, entre o destacamento e um eficaz efeito de ternura. O filme não despreza aquela gente, pelo contrário, até gosta dela, nunca a expõe ao enxovalho terminal de ser apenas risível e, por mimetismo, o espectador acaba por se abeirar dos personagens com cumplicidade. Mérito, também, dos actores, em particular o trio protagonista, todos eles utilizados pela primeira vez com tamanho destaque, mesmo se têm diferentíssimos percursos (António Capelo e Custódia Gallego são profissionais experimentados e com carreira longa, Amélia Corôa é praticamente uma estreante) — A. Capelo e C. Gallego em trabalhos de composição, A. Corôa apostando numa espécie de «raça» que as câmaras aprovam.

Esquece Tudo o Que Te Disse

de António Ferreira (Portugal), com Custódia Gallego, António Capelo (LISBOA: Forte Nova 2, King 1, Saldanha 6; PORTO: AMC, Cidade do Porto 3) **OOO**

Uma actriz acontece

Custódia Gallego arranca interpretação memorável

Ela quer ser amada, e quer com tanta força, com tanta violência, que não consegue amar. A exigência faz com que não seja generosa. E ela não sabe que mais fazer — assim define Custódia Gallego o seu personagem em *Esquece Tudo o Que Te Disse*, figura matricial do filme, emblema tomado até para cartaz. Se mais nada nele houvesse, só para a ver valia a pena o dinheiro do bilhete.

Custódia Gallego é alentejana, co-lheita de 1959, passou infância e adolescência cirandando entre Beja, Lisboa e Portalegre, ao sabor do emprego pater-

no. Frequenta Medicina, mas, à revelia da família, consegue fazer o Conservatório «na clandestinidade, a pagar as propinas com o dinheiro que me davam para os almoços na Faculdade». Quando está à beira de o completar é que revela aos pais que o tempo que passara a caminho do Campo de Santana iria ser inútil, se é que nestas coisas de formação há coisas imprestáveis. Estreou-se profissionalmente pela mão de Artur Ramos — figurante apenas no *Fernando Talvez Pessoa*, de Jaime Salazar Sampaio, no T. Nacional. E logo em 1984/86, por mor das interpreta-

ções que assegura no T. Ibérico (*Celestina*, de Fernando Rojas, *Ai Que Saltos Me Dá o Coração*, de Tchekhov, *Bodas de Sangue*, de García Lorca, e *Avareza, Luxúria e Morte na Arena Ibérica*, de Valle-Inclán), firma-se como uma das mais proeminentes jovens actrizes em ascensão — ela que fora parar à profissão «como se a vida me tivesse agarrado, em vez de ser eu a agarrar a vida». Nada no tradicional ambiente familiar probabilizava essa escolha.

Apesar de uma carreira longa de quase duas décadas, repartida por teatro, televisão e cinema, Custódia Gallego chega ao papel de Felizbela por meio de «casting» e não de escolha directa. Que o método se revela adequado diz a perfeita sintonia entre a actriz e o personagem que o ecrã nos devolve, interpretação camaleónica, de máscara dolorida e comovente, profundamente humana no caldear entre o frágil, o amar-



Custódia Gallego

go, o carente, o odioso, o quase insuportável. Uma forte actriz de cinema acontece no ocaso deste 2002, que não foi ano dourado para o cinema português.

J.L.R.